

Editorial
Volume 9, Número Especial de 2019
“Memória e Turismo”

Com a obra póstuma “Memória Coletiva” Maurice Halbwachs (1877-1945) inaugura o campo de estudos sobre memória que se apoia em uma perspectiva distinta das análises que a restringe ao âmbito da faculdade de armazenamento de informações e a capacidade de lembrá-lo. Essa condição localizada na esfera do indivíduo, alimentava a reflexão que no início do século XX e produzia teorias divulgadas pelos estudiosos do caráter psicológico da memória. Halbwachs, apoiado na perspectiva sociológica de Émile Durkheim, de quem foi aluno, introduz a noção de memória coletiva em contraponto a memória individual, pois se esta atua no âmbito do indivíduo; já a memória que o autor define como coletiva, exige que a pessoa participou ou protagonizou o fato a ser lembrado, tenha um testemunho. Seria esse testemunho que reforça ou enfraquece a ocorrência do evento e assim, se torne memória para um grupo.

A perspectiva sociológica trazida por Halbwachs aloca os estudos sobre memória no denominado “quadros sociais”, pois é neste âmbito que a memória em seu aspecto coletivo se ancora e se define enquanto uma produção que é também social. Para Halbwachs, a memória individual não funciona ausente de uma base e esta, é a que reside no espaço social. Desta forma, os pontos de contato entre a memória individual e a que está nos “testemunhos” produzem a memória coletiva.

Assim entendida, a memória coletiva engloba a memória do grupo e estes, com ela se identificam, tendo em vista que a memória coletiva nasce do consenso das relações estabelecidas dentro do próprio, sendo o lembrar e a percepção destas lembranças constituídas nas experiências em grupo que permite haja a reconstituição do passado de forma que o indivíduo não se descaracteriza, pois é no contraponto entre memória individual e a memória coletiva que detém, que se distingue enquanto indivíduo e enquanto pertencente a um grupo.

Na medida em que é o caráter coletivo que reforça ou enfraquece a reprodução de memórias, a dinâmica entre lembrança e esquecimento destaca-se na análise de vários estudos sobre memória. Considerando que todos os grupos produzem socialmente esta articulação acerca que será lembrado e sobre o que será esquecido na atualização de seus laços sociais, fica evidenciado que tais processos são construídos em tono de disputas, conflitos e relações de poder, tal como chama atenção Michael Pollak (1989).

Aleida Assmann destaca em “Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural” a emergência do passado como preocupação fundamental, considerando tal fenômeno como característico das últimas décadas do século XX que permanece até o presente momento. Para a autora, embora o foco esteja no passado, esse movimento

implica em uma direção para o futuro, pois memória surge como um artifício para proteger o passado da ação do esquecimento, fornecendo assim, para os indivíduos, subsídios para o entendimento do mundo presente e possibilidades para o futuro.

Neste sentido, o contexto histórico cultural das sociedades das últimas décadas do século XX torna-se um locus privilegiado para o entendimento acerca desse movimento. Andreas Huyssen (2000) esclarece que a “cultura da memória” efeito desse processo reflete a crise da estrutura de temporalidade que marcou a modernidade contemporânea, baseada na confiança no progresso e desenvolvimento. Para o autor, a revolução oriunda do incremento das tecnologias relacionadas a informação; assim como compressão do espaço-tempo, transformaram significativamente a relação entre passado, presente e futuro. Huyssen (2000) defende que o paradigma de futuros otimistas já enfraquecido pela descrença em relação ao racionalismo científico e suas possibilidades de condução e controle do homem, do processo histórico e do planejamento seguro do futuro; fazem as sociedades voltarem-se sobre seus passados recentes. Neste contexto, segundo o autor anteriormente citado, há a influência dos novos meios de comunicação que atuam como fonte propagadora desta “cultura da memória” fato que faz emergir a questão e discussão acerca da espetacularização e sensacionalismo da memória. Tais aspectos colocam a memória no centro do debate das pesquisas em várias áreas e no cotidiano, promove a impulsão da valorização de artefatos e práticas culturais até então apagadas. Huyssen (2000) argumenta que este fenômeno revela um processo de “reificação do passado”, cuja característica primordial é sua transformação em objeto de consumo. O passado seria assim, embelezado, neutralizado, rentabilizado e utilizado pela indústria do turismo e do espetáculo.

Os argumentos trazidos por Huyssen (2000) forneceram elementos para uma série de reflexões que tiveram por base os projetos urbanísticos pelos quais passaram a Cidade do Rio de Janeiro por ocasião da produção urbana para a realização dos megaeventos que a Cidade ao longo dos últimos anos. Neste processo, o discurso envolvendo os supostos benefícios econômicos que sempre estão associados a atividade turística, justificava uma série de ações e intervenções. Entretanto, se, outros campos de estudos e pesquisas tem se debruçado sobre a questão da memória e o turismo é percebido como atividade onde tal processo desemboca; há no campo do turismo uma ausência de estudos que deem conta de demonstrar a imbricada relação entre turismo e memória e que iluminem o lugar do turismo no conjunto de disputas que permeiam os distintos processos de produção e articulação das lembranças e esquecimentos dos diferentes sujeitos sociais.

Considerando o turismo enquanto fenômeno social e uma atividade marcada por valor econômico, seu processo de construção e manutenção são também um locus privilegiado para a captação de questões que envolvem os debates sobre diásporas, sentidos atribuídos à religiões, revitalização e disputas de espaços, reinvenções de tradições, planejamento urbano, memórias traumáticas, patrimonialização, relações entre os contextos local e global. Assim sendo, nasceu a proposta de realização do III Seminário em Memória Social (SIM), evento bianual organizado pelo Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) tendo como tema o turismo e a memória, pois se já estava constatado que o turismo guarda uma relação complexa e intrincada com a memória, relevante se tornou reunir pesquisadores e trabalhos que demonstrem como a memória se torna disponível enquanto produto turístico, o lugar do turismo enquanto ativador de processos de patrimonialização, as narrativas e discursos construídas e oferecidas aos visitantes e turistas em espaços turistificados, a construção de subjetividades e identidades culturais a partir e para o turismo, entre outras possibilidades discutidas e debatidas no III Seminário

Internacional em Memória Social, sob o tema “Memória e Turismo: roteiros, trajetórias, discursos e subjetividades em construção” ocorrido no período entre 15 e 18 de maio de 2018.

Embora o sucesso do evento, que atraiu pesquisadores de diversas áreas, a Comissão Organizadora do mesmo entendeu que era necessário ampliar a visibilidade do debate divulgando estudos e reflexões em formato de artigo para os estudiosos de turismo no intuito de apresentar parte do que se considera o “estado da arte” em pesquisas acerca de turismo e memória. Desta forma, foi elaborada uma solicitação de parceria com a Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR) no intuito de produção do Número Especial que agora apresentamos ao público leitor. A opção pela RITUR assentou-se no entendimento de que a produção do conhecimento deve estar em diálogo permanente com a sociedade em seus contextos nacional e internacional, pois além da referida Revista priorizar abordagens interdisciplinares e transdisciplinares, volta-se também para a comunidade externa através de uma política de cooperação internacional de pesquisa e desenvolvimento em Turismo. No momento em que destacamos a parceria recebida para a realização deste trabalho, aproveitamos para registrar o apoio financeiro que o III SIM recebeu por parte das agências de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os artigos que compõem o Número Especial Memória e Turismo foram organizados por temas e assim, iniciamos com dois artigos que desdobram suas reflexões acerca de espaços onde é possível perceber a ampla e variada gama de informações contidas em objetos, representações e expressões da memória coletiva que demonstram complexidades específicas. Trata-se dos museus. O artigo do professor doutor Leandro Brusadin, intitulado “O poder simbólico do Museu da Inconfidência (MG) no imaginário social, o acolhimento da comunidade local e a fruição produtiva dos turistas” discorre sobre projetos voltados para o acolhimento do público no museu que intitula o artigo, buscando demonstrar como tais ações perpassam a estrutura administrativa e científica presentes na lógica desse patrimônio. Ainda nessa seção, o artigo “Souvenirs de museus: consumo, experiências, repetições e diferenças nas lembranças dos turistas” de autoria de Karla Godoy, Leonardo da Silva Vidal e Luiz Alexandre Lellis Mees, apresentam a categoria *souvenirs de museus* pautados no argumentando que estes carregam distintos significados, evocam emoções e aliados à memória produzem a sensação de prolongamento da experiência.

Foram alocados sob tema memória pública, os artigos “Gestão e Conservação – Sítio Arqueológico Cais do Valongo” de autoria de Mariana Pires Vidal Lopez e Rosane Soares dos Santos que trazem a questão da memória afetiva e ao discorrem sobre o Sítio Arqueológico do Cais do Valongo, através de seus usos turísticos, evocam a discussão acerca da memória pública. Já Fernanda do Valle e Ricardo Pimenta no artigo intitulado “A viagem idealizada pela visibilidade informacional: Wikipédia e memória pública” valem-se da Wikipédia com o objetivo de analisar as potencialidades de projetos como GLAM impacta a memória coletiva a partir de acervos e patrimônios diversos (materiais e imateriais) disponibilizados e com os quais a atividade turística desdobra sua potência contemplativa. Ambos artigos revelam o uso público e político do passado, fenômeno que embora não seja novo, ganham contornos particulares dada a mediatização e novas tecnologias que envolvem o processo deste uso, estimulando a discussão sobre memória pública.

Sob o tema construção de discursos e narrativas, estão os artigos “A Estrada de Ferro Belém-Bragança (EFB): memórias e usos para além da integração”, “Roteiros

turísticos, itinerários memoriais: a Linha Turismo de Porto Alegre” e “Patrimônio, Turismo e Culturas Populares: vários agentes, múltiplos desafios”. Discorrendo sobre a trajetória histórica da estrada de Ferro Belém- Bragança, os autores Luis Augusto Barbosa Quaresma e Maíra Oliveira Maia, argumentam que o trem, enquanto símbolo da modernização e integração regional, está inscrito na memória coletiva de várias localidades e neste contexto, no caso analisado insere-se em uma alternativa econômica que utiliza tal memória para fins turísticos. Já Valdir José Morigi e Luis Fernando Herbert Massoni demonstram a partir da análise da Linha Turismo de Porto Alegre (RS) que os roteiros turísticos contribuem na construção dos itinerários memoriais e narrativas turísticas veiculadas sobre a cidade e seus patrimônios culturais. Por fim, as autoras Marluce Magno e Regina Abreu no artigo “Patrimônio, Turismo e Culturas Populares: vários agentes, múltiplos desafios” debruçam-se sobre o processo de requerimento do título de Patrimônio Cultural do Brasil junto ao IPHAN por parte dos integrantes da Folia de Reis Fluminense com o objetivo de descortinar como agentes públicos e econômicos tem ativado seus capitais simbólicos no intuito de integrar essa manifestação da cultura popular no âmbito turismo cultural. Pelo exposto, evidencia-se que os três artigos refletem narrativas e discursos que tem sido construídos tendo por base uma memória que será reafirmada pela atividade turística e assim sendo, estes trabalhos instigam pelas tensões, disputas e conflitos que tais processos envolvem.

A discussão sobre aspectos que envolvem as questões ambientais estão mais do que presentes em pesquisas, estudos, trabalhos e eventos científicos produzidos na área de turismo. Dada a centralidade desse debate, não poderíamos deixar de fora deste Número Especial artigos que considerem a memória nas análises sobre turismo e meio ambiente. Assim sendo, os pesquisadores Manuela Manhães e Júlio Esteves refletem acerca dos elementos estruturantes presentes na cultura da comunidade pesqueira artesanal da cidade de Arraial do Cabo no Rio de Janeiro demonstrando assim a memória coletiva e a identidade cultural são configuradas para e pelo turismo. No artigo “Memórias, gestão de recursos e turismo no Amazonas”, as autoras Mayra Santos, Marina Hastenreiter e Bruna Conti destacam e avaliam o acionamento de memórias coletivas na para a gestão de recursos comuns às comunidades da Área de Proteção Ambiental de Nhamundá e da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Uatumã, localizadas na região do Baixo e Médio Amazonas, onde está ocorrendo a implantação do turismo. Já David William Aparecido Ribeiro, autor de “Patrimônio socioambiental e narrativas da resistência quilombola” adentra no debate acerca das políticas patrimoniais brasileiras no intuito de analisar como duas comunidades quilombolas do Vale da Ribeira, parte sul do estado de São Paulo, elaboram narrativas a serem comunicadas pelo turismo.

O artigo intitulado “Do café no vale ao Vale do Café: antinomias na produção e no consumo da bebida em cenários de hospitalidade” de autoria de Dan Gabriel D’Onofre e Fátima Portilho abre a seção destinada a alimentação. No referido artigo, os autores argumentam que a região denominada Vale do Café Fluminense consolidou sua memória através da atividade turística ao eleger o legado da cafeicultura imperial e ao demonstrarem que a região turística em tela é composta também por cidades que não possuem em seu passado histórico a produção de café. Desta antinomia, os autores investigam como os serviços de hospitalidade produzidos nas fazendas históricas tem rememorado a memória do período do café. As autoras Helena Catão e Maria Amália Silva Alves de Oliveira apresentam no artigo “Memória, identidade e gastronomia: turismo como alternativa de desenvolvimento local para ‘populações tradicionais’ em unidades de conservação” quatro grupos culturais assim classificados no intuito de analisar o uso de seus sistemas culinários na atividade turística com vistas à manutenção de uma memória e fortalecimento de suas

identidades culturais. Por fim, em “Saboreando o patrimônio imaterial através da memória e do turismo: cozinha passada de geração em geração em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT”, Bruna Mendes de Fava, Maria Thereza Azevedo e Regiane Caldeira, elegem a comunidade de Vila Bela da Santíssima Trindade no Estado de Mato Grosso para apreenderem por meio da produção da “comida tradicional”, a valorização de práticas e saberes que transmitidos de geração a geração, agora ganham destaque dada sua inserção no circuito turístico local. O antropólogo norte-americano Sidney Mintz (2001) já evidenciou que a comida e o comer inserem-se em uma vasta gama de possibilidades de produção de conhecimentos acerca da cultura material, da identidade cultural e dos valores que permeiam as relações humanas e o turismo enquanto fenômeno e atividade cada vez colabora para a produção destes conhecimentos.

A seleção de artigos que compõem o presente Número Especial esclarecem como a memória é apropriada e se apropria do turismo, sobre a produção de lugares e narrativas memoriais comunicadas pelo turismo, sobre processos sociais onde atores distintos acionam memórias para fins comercialização turística, entre outras discussões. Desta forma, constata-se que a memória não está mais ausente dos estudos de turismo e sim, que temos aqui configurado o registro da inauguração de tema de estudos e pesquisas bastante promissor. Nesta perspectiva, convidamos à leitura e desejamos que a mesma seja enriquecedora!

Rio de Janeiro (Brasil), 29 de março de 2019.

Os Editores
Maria Amália Silva Alves de Oliveira
Leila Beatriz Ribeiro
Glenda Valim de Melo
André Gonçalves

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Antrophos Editorial, 2004.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.

MINTZ, Sidney. **Comida e Antropologia: uma breve revisão**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Brasília, nº 47, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.